

Labirinto do conservadorismo



Por **LUIZ MARQUES***

Bolsonaro é um escroque de aluguel para desmontar a democracia e os órgãos estatais de regulação; submisso aos interesses acumulativos da plutocracia

Quando os filósofos iluministas abjuram o *ancien régime* para alçar os servos ao inédito patamar de cidadãos, o absolutismo monárquico, obscurantista e medievalista é defenestrado. Nasce a Idade Moderna - a dúvida, o progresso. Questiona-se o *habitus* das cidades, a memória das nações, as superstições e os preconceitos aos quais, anteriormente, se atribuía importante papel na coesão da sociedade para perdurar o senso comum nas relações sociais e inibir a ênfase nos fins individuais.

Teórico político e membro do parlamento londrino pelo *Whig Party*, Edmund Burke (1729-1797) é o mestre assumido da teoria conservadora. Nas *Reflexões sobre a Revolução Francesa*, enumera os argumentos contrários ao acontecimento sob três eixos: (a) a negação dos valores do modernismo (*liberté, égalité, fraternité*) por serem mistificadores, abstratos e também descolados da realidade; (b) a defesa do estado de natureza, não como ponto de partida, mas chegada do processo histórico que culmina nas iniquidades e hierarquias sociais e; (c) o fato de a moral, os costumes e as tradições não pertencerem à geração presente, e sim a todas as épocas torna-as perenes. O conservadorismo leva a sério Paul Valéry: “O problema de nosso tempo é que o futuro não é o que costumava ser”.

Dos séculos XVI ao XVIII, os conservadores acolhem a mundanização da vida sem se afastar da dimensão transcendente. A agulha do equilíbrio espiritual dos indivíduos, então, desloca-se de modo paulatino para o lugar das atividades criativas de mudanças - o mundo exterior. Os nostálgicos da interioridade acreditam na *communitas* orgânica fechada, onde os atos de rebeldia têm por única função ilustrar os comportamentos inaceitáveis pela divindade. A crença de que a coletividade não é uma reunião de átomos isolados, mas peças de uma engrenagem, empresta um sentido à existência.

Por definição, as pessoas realizam-se na esfera sociofamiliar que tem normas próprias, desestimula intervenções para alterar o *status quo* e recomenda ir devagar com o andor. O sonho de consumo é a suspensão da passagem do tempo, na esperança de cancelar os conflitos. Com sabedoria ancestral, em *Grande sertão: Veredas*, Riobaldo alerta: “Viver é negócio muito perigoso”. Com certeza, é.

Nos séculos XIX e XX, a coleção de dogmas no labirinto do conservadorismo mantém ainda sua essência, com o desafio de preencher alguns hiatos com concessões à marcha do individualismo. Balanceava-se a entrada em cena das massas; o pesadelo das noites do aristocrático José Ortega y Gasset. É errado imaginar que a razão seja a medida do real e a sociedade, o barro para modelar as utopias. Intentos emancipadores por via insurrecional provocam a desagregação. O *Homo sapiens* não é uma criatura exclusivamente histórica e tampouco é capaz de ser modificado e melhorado pelos esforços reeducativos. Sem chance. Está condicionado pela vontade divina, sobre-humana.

O olhar dos que veem o futuro no retrovisor reage com violenta emoção à diversidade. A evocação do “direito a ter

direitos”, que promove o empoderamento do feminismo, do antirracismo e da anti-homofobia, suscita as reações intempestivas. As cruas estatísticas policiais registram os resultados. Vide os feminicídios e o assassinato de pretos e de trans. O antimodernismo inspira os intelectuais da extrema direita, como o estadunidense Steve Bannon e o brasileiro Olavo de Carvalho. O último não matriculou a filha na escola. Afinal, menina não precisa saber ler. Coube à tia inscrever a pré-adolescente, tardiamente, numa turma frequentada por menores em idade normal de alfabetização.

O excesso emocional explica por que o empenho para proteger os emblemas da ordem idealizada, descamba para as agressões, simbólicas e práticas. “Sentimentos foi tudo o que o ‘conservadorismo’ reuniu ao longo da história”, consta no verbete do *Dicionário do pensamento social do século XXI*. Inclusive as religiões atuais são alvo de restrições por guardar apenas os resíduos da matriz indo-europeia.

Não por nada, a *influencer* cristã do Rio Grande do Sul atribuiu a responsabilidade pelas enchentes à profusão dos “terreiros de macumba” na região, mais do que o rastreado na Bahia. A deformação do rito ariano dos colonizadores teria despertado “a ira de Deus” – e o dilúvio gaúcho.

A estrela da manhã

O conservadorismo articula-se com o liberalismo econômico, no discurso. “Sou conservador nos costumes e liberal na economia”. De uso corriqueiro, a expressão traz embutida a contradição que consiste em, de um lado, apoiar uma organização imutável para os seres humanos com posições congeladas na pirâmide social; e de outro, avalizar o sistema onde tudo que é sólido se desmancha no ar – fora da estrutura social e moral. A assertiva não teme ser essa metamorfose ambulante.

No ínterim, a casta evangélica toma gosto nas fartas emendas orçamentárias do Congresso Nacional e ensaia a disputa para voos superiores. A aliança com a extrema direita catapulta a distopia satânica dos profetas do atraso. A cruzada contra o aborto, *per se*, mas não em prol das crianças, fixa a linha entre “eles” e “nós” no nicho de mercado do subproletariado. Sem os devidos cuidados pelo Estado democrático, a ralé perde a condição de credora de direitos; vira carente da generosidade alheia e é aliciada por moedeiros falsos. No novo exército da salvação, os templos forjam os rebeldes a favor.

Existem 109,5 mil centros evangélicos, no país. Somando os terreiros, as igrejas e as sinagogas são 579,7 mil auditórios religiosos; 286 por lote de 100 mil habitantes. A legislação permitiu a abertura das comportas de que se aproveita a linha (neo) pentecostal. Tais aparelhos ideológicos privados militam para a alienação. Conforme o Censo do IBGE, somente seis unidades da federação possuem mais postos de saúde e escolas do que locais para a fé: São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio Grande do Norte e Piauí. A laicidade está em flagrante desvantagem entre os crentes.

Para o relator do PL 1904/2024, a acintosa perversidade contra a infância negra de 8 a 12 anos – que conforma a maioria das vítimas de estupro – visa “testar” o mandatário do Palácio do Planalto. O cinismo e as *fake news* são o refúgio estratégico dos idólatras do passado mítico. Como nos versos do poeta Ferreira Gullar: “Inútil pedir / perdão / dizer / que o traz no coração”. Teologicamente o *Segundo Testamento* bíblico (o Deus do amor) está em baixa. Volta à moda o *Primeiro Testamento* (o Deus do castigo). A bondade cede à chantagem de pulhas na tribuna, à descomedida ambição, à premeditada vingança. Prevalece a lei de talião – *lex de talionis*, a exigência idêntica da mesma laia.

A frase que traduz o pensamento conservador é sintetizada por Giuseppe Tomasi de Lampedusa, no romance popular *Il gattopardo*, que Luchino Visconti eterniza no cinema com um grande elenco: “A não ser que nos salvemos, dando-nos as mãos agora, eles nos submeterão à República. Para que as coisas permaneçam iguais, é preciso que tudo mude”. As classes dominantes repetem a saga, nas transições pelo alto. As classes trabalhadoras devem desnudar a pantomima com a arma da crítica.

a terra é redonda

O conservadorismo e o neoliberalismo formam um triângulo com o neofascismo para combater: (a) a decisão dos indivíduos sobre seu corpo ou sua mente; (b) o exercício da cidadania num ambiente laico de equidade republicana e; (c) a emancipação da dialética de dominação e subordinação. Daí a opção pelo regime de exceção com um aventureiro de perfil miliciano, sem nenhuma competência administrativa e nem empatia com o sofrimento do povo. Um escroque de aluguel para desmontar a democracia e os órgãos estatais de regulação; submisso aos interesses acumulativos da plutocracia.

O Estado participativo de bem-estar social e ambiental é o antídoto à propagação do ódio irracional, que retorna no século em curso com mais periculosidade e letalidade. Com o desenvolvimento das tecnologias bélicas e os drones militares de vários portes, matar se assemelha a jogar videogame por diversão. Hoje o terror se afigura pior do que o original propagado na década de trinta, na Europa. O potencial de destruição é maior.

No Brasil, a vitória do presidente Lula 3.0 bloqueia o espectro da barbárie, o que convoca uma insistente reafirmação com as bandeiras nas ruas. A participação social concentra os valores fundadores da modernidade. A estrela da manhã prenuncia um tempo de lutas.

**Luiz Marques é professor de ciência política na UFRGS. Foi secretário estadual de cultura do Rio Grande do Sul no governo Olívio Dutra.*

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA